

## Recensão de *Os dias que não contam*, de Maria Alves Veiga

Ana Margarida Ramos  
Universidade de Aveiro  
[aramos@dlc.ua.pt](mailto:aramos@dlc.ua.pt)

A colectânea de contos que marca a estreia literária de Maria Alves Veiga, intitulada *Os dias que não contam*, revela-se surpreendente e promissora. Os sete contos, à imagem dos sete dias da semana, permitem perceber quais são as principais preocupações da autora, quase transformadas em obsessões, que a sua escrita espelha de forma clara.

Situando-se em ambientes e cenários distintos, rurais e urbanos, marcados por influências várias, que vão de um cuidado realista à presença do fantástico, retratando meios socioculturais também diversificados, com prevalência dos estratos médios e baixos, estes contos, arquitectados de forma surpreendente e eficaz, percorrem eixos ideotemáticos balizados por questões como os afectos (ou a falta deles) e as relações pessoais, construindo um universo literário muito peculiar.

É lugar comum afirmar-se que, num primeiro livro, qualquer autor tende a escrever sobre si próprio, acertando as contas com um passado que pretende exorcizar de modo a, em obras posteriores, poder abrir os seus horizontes literários em outras direcções. A escrita como exercício catártico, alvo de múltiplas análises e abordagens, é inclusivamente referida por uma das personagens de um conto quando reflecte sobre a possibilidade de escrever sobre a vida da avó. No caso do livro em análise, acreditamos, no entanto, poder observar elementos, se não biográficos, pelos menos biografantes, nas referências às pequenas localidades rurais transmontanas, a alguns dos seus hábitos e costumes, e ao meio universitário, cujos tiques surgem irónica e finamente retratados. Em *Os dias que não contam*, parece-nos, principalmente, existir uma necessidade de “contar esses dias”, trabalhando literariamente questões conotadas com o indizível, porque associadas a práticas mesquinhas ou mesmo imorais. O suicídio, o abandono espontâneo de um filho, o adultério ou a traição, a mentira, o abuso sexual da própria filha, o assassínio do marido, outros segredos inconfessáveis, enfim, os pequenos e grandes crimes do comportamento humano

surgem transpostos para situações concretas, pessoalizados, e envoltos num contexto que obriga, forçosamente, o leitor à reflexão e ao questionamento das suas (afinal nossas) intocáveis verdades absolutas. Muitos dos contos são verdadeiras histórias de desamor, desmistificando laços afectivos tidos como sagrados e invioláveis, como é o caso dos sentimentos dos progenitores pelos filhos. Não será, por isso, estranho o facto de quer a figura materna quer a figura paterna encarnarem, em alguns dos textos, personagens maléficas e perturbadas, com comportamentos transgressores, claramente conotadas com o Mal.

Assim, parece-nos que estes contos configuram, na sua maioria, uma viagem a um lado mais obscuro, menos radioso, da alma humana, mas nem por isso menos presente, que, desta forma, a literatura ilumina. Esse lado lunar, associado a ideias disfóricas, revela-se omnipresente, sendo *topos* central para a leitura de muitos contos onde deparamos com sentimentos, emoções e pensamentos recalcados e escondidos. É, talvez por isso, que a imagem da luz ou do iluminar se revela pertinente em muitos textos, configurando-se, em certa medida, como a chave de leitura desta antologia. As referências constantes ao nascer do dia ou à manhã são recorrentes e estão associadas a momentos cruciais da **Revelação** e, conseqüentemente, da **Verdade**. Assim, a **aurora**, referida em muitos contos, e implicitamente associada à esperança, até pela sua conotação com o surgimento do dia e da luz, surge igualmente como símbolo de todas as possibilidades e hipótese de concretização de todas as promessas em direcção à plenitude que, no caso da obra de Maria Alves Veiga, é apenas vislumbrada de relance.

Mas não fiquemos com a ideia de que estamos perante um livro pintado exclusivamente a cores escuras. A paleta da autora é bem mais diversificada e colorida do que até aqui deixámos antever. Desta forma, e para além de um discurso matizado de interferências líricas, contido e sóbrio, de que os textos de ambiência rural são o exemplo mais perfeito, são frequentes as intromissões de um humor proveniente do cómico de situação e também de linguagem e de uma ironia finamente corrosiva, por exemplo em contos como “O Circo” ou “A Mala”. Nestes textos, é palpável uma energia telúrica e uma vivacidade que, com a contribuição do discurso directo, imprimem especial força aos contos e à mensagem por eles veiculada. É indisfarçável,

igualmente, o apreço da autora pelos ambientes rurais, quase sempre de fundo genesíaco, conotados com sentimentos fortes e acções violentas. As personagens, com ligação ancestral à terra e aos seus produtos, são traçadas com intenso realismo e verosimilhança, a que não serão estranhas, porventura, as influências de Miguel Torga. As suas atitudes, os valores por que pautam a sua conduta, os traços mais marcados da sua personalidade, os seus vícios e virtudes são regidos por uma moral própria e particular, conotada com o conservadorismo, mas também com a integridade e o estoicismo. A busca da essência que se encontra por trás das ilusórias aparências parece ser, pois, a demanda da autora em cada um dos contos que constituem esta colectânea. O seu olhar, mais acutilante, permite perceber o que se esconde para lá do visível, no quotidiano aparentemente simples e linear das famílias anónimas. Fazendo “estórias” a partir das pequenas vidas privadas, dá voz e sentimento a um universo que desconhecemos (ou tentamos, a todo o custo, ignorar) mas que está sempre presente e se insinua em cada rosto desconhecido do passageiro do comboio, da senhora da sala de espera do consultório... As pequenas grandes tragédias da humanidade, esquecidas pelas crónicas oficiais, números anónimos de estatísticas, encontram aqui espaço de eleição e de literatura.

Veiga, Maria Alves (2003): *Os dias que não contam*, Aveiro, Ed. Autor